



Ispas

**Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida**

O MUNDO ONLINE DOS COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS: AS
RELAÇÕES ENTRE AS REPRESENTAÇÕES ONLINE DOS
COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS E A SUA SEVERIDADE E
DIVERSIDADE, IDEAÇÃO SUICIDA E A IDENTIFICAÇÃO NA
ADOLESCÊNCIA

BEATRIZ FUSCHINI GONÇALVES

Orientadora da Dissertação:

PROFESSOR DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Co-orientadora da Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA EVA DUARTE

Professor do Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2021/2022

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia Pereira e co-orientação da Professora Doutora Eva Duarte apresentada no ISPA – Instituto Universitário para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Mestre em Psicologia Clínica.

Agradecimentos

À minha orientadora Professora Doutora Maria Gouveia Pereira, pela disponibilidade e interesse que demonstrou desde o primeiro dia. Por me ter permitido integrar o seu seminário de dissertação. Pelas aulas, momentos de partilha e discussões ricas que me fizeram pensar e alargar o interesse que já tinha pela adolescência. Por confiar em mim e nas minhas capacidades e por todos os momentos em que apaziguou as minhas ansiedades e angústias. Obrigada por me mostrar o amor que tem pela investigação e prática clínica.

À minha coorientadora Professora Doutora Eva Duarte, por toda a disponibilidade, pelas discussões produtivas, ricas e interessantes, pela ajuda valiosa que me deu e pelo gosto que partilha comigo pelo meu tema de dissertação. Obrigada pela aula de 4º ano em que abordou as representações *online* dos comportamentos autolesivos, dando-me a força e incentivo de que precisava para seguir em frente com esta temática.

A todos os professores do ISPA que, em algum momento, me esclareceram dúvidas e contribuíram para levar este trabalho a bom porto.

Aos meus pais, por tudo o que me deram até hoje que me permitiu chegar até aqui. E ao Nuno e à Marta. Obrigada pela paciência para aturar as minhas ansiedades e o meu mau humor matinal. Obrigada por acreditarem em mim e nas minhas capacidades.

À Dr^a. Lara Castro Nunes, obrigada por me dar as asas de que preciso para voar.

À Marta Clemente pelas horas intermináveis de videochamadas de desespero, mas também de gargalhadas sem fim. Obrigada também à Marta Chambel, amiga e companheira desta luta, à Valéria, à Carolinda e à Catarina pela amizade e por me terem acolhido tão bem desde o primeiro dia. Ao Pedro, obrigada pelas noitadas de iscte e pelos dias de estágio, espero que os nossos caminhos pré-profissionais e profissionais se continuem a cruzar. Levovos para a vida. Às minhas colegas de seminário, pela entreaajuda e troca de ideias.

Aos meus Vanessos e à Sara, por serem a minha segunda família e os melhores amigos que poderia pedir. Ao João, pela paciência, amor e por continuares aqui.

Resumo

Este estudo procurou descrever as atividades *online* relativas aos comportamentos autolesivos (CAL). Comparou-se os adolescentes com e sem uma história de CAL relativamente às frequências das atividades *online*, severidade e diversidade dos comportamentos, à ideação suicida e à identificação com os indivíduos que criam conteúdos sobre os CAL *online*. Analisou-se a relação entre as variáveis e investigou-se se existiam diferenças entre os níveis de severidade dos CAL na frequência das atividades *online*. Os participantes consistiram em 357 adolescentes portugueses com idades entre os 12 e os 22 anos ($M = 16.61$, $DP = 1.84$). Distribuíram-se questionários de autorrelato que avaliavam a história, severidade e diversidade dos CAL, as atividades *online* relativas aos CAL, a ideação suicida e a identificação. Os resultados demonstraram que 84.6% dos participantes já realizou alguma atividade *online* sobre os CAL. Os indivíduos com uma história de CAL reportaram níveis significativamente maiores de frequências de comunicação *online*, de identificação com quem cria conteúdos sobre os CAL *online* e de ideação suicida em comparação com os sem uma história destes comportamentos. Demonstraram-se associações positivas significativas entre as frequências de comunicação *online* sobre os CAL e a diversidade dos CAL, e entre as frequências de comunicação e de partilha de conteúdos *online* com a ideação suicida. Sobressai neste estudo a elevada prevalência das representações *online* dos CAL em Portugal, assinalando a importância de ações preventivas e clínicas junto dos adolescentes mais em risco que partilham e conversam sobre os CAL *online*.

Palavras-chave: adolescentes, comportamentos autolesivos, ideação suicida, online, identificação

Abstract

The aim of this study was to describe online activities related to deliberate self-harm (DSH). Adolescents with and without a history of DSH were compared regarding to the frequencies of online activities, DSH severity and diversity, suicidal ideation and identification to the people who create DSH content online. The relationship between these variables was examined and the differences between the DSH severity levels on the frequencies of online activities were investigated. The participants consisted of 357 portuguese adolescents aged between 12 to 22 years ($M = 16.61$, $DP = 1.84$). Self-reported questionnaires which evaluated DSH history, severity and diversity, online activities related to DSH, suicidal ideation and identification were distributed. Results showed that 84.6% of the sample had engaged in online DSH activities. The participants with a DSH history had significantly higher frequencies of online communication, levels of identification with those who created online contents related to DSH and of suicidal ideation compared to those without a history of this behaviours. Significantly positive associations were found between the frequencies of DSH related online communication and DSH diversity, and between the frequencies of communication and frequency of sharing DSH related contents with suicidal ideation. This study highlights the high prevalence of DSH online representations and the importance of taking preventive and clinical measures with the high risk adolescents who share and talk about DSH online.

Keywords: adolescents, deliberate self-harm, suicidal ideation, online, identification

Índice

1. Introdução.....	1
1.1. Comportamentos Autolesivos e Atividade <i>Online</i>	1
1.2. Atividade <i>Online</i> e Identificação com os Indivíduos que Criam Conteúdos de CAL <i>Online</i>	2
1.3. Atividade <i>Online</i> , Severidade e Diversidade dos CAL, Ideação Suicida	3
1.4. O Presente Estudo	4
2. Método	5
2.1. Participantes	5
2.2. Medidas	6
2.2.1. Comportamentos Autolesivos	6
2.2.2. Ideação Suicida	6
2.2.3. Atividade Online Relativa aos Comportamentos Autolesivos.....	6
2.2.4. Identificação com Indivíduos que Criam Conteúdos Relativos aos CAL Online.....	7
2.2.5. Questionário Sociodemográfico	7
2.3. Procedimento.....	7
3. Resultados	8
3.1. Descrição das Atividades <i>Online</i> Relativas aos CAL	8
3.2. Diferenças nas Frequências das Atividades <i>Online</i> Relativas aos CAL, nos Níveis de Identificação com os Indivíduos que Criam Conteúdos <i>Online</i> Sobre os CAL e no Nível de Ideação Suicida em Função da História de CAL	12
3.3. Relação Entre as Variáveis em Estudo.....	13
3.4. Diferenças nas Frequências das Atividades <i>Online</i> Relativas aos CAL em Função da Severidade dos CAL.....	16
4. Discussão.....	16
4.1. Descrição das Atividades <i>Online</i>	17
4.2. Comparações em Função da História de CAL	18
4.3. Relação Entre as Variáveis em Estudo.....	19

4.4. Diferenças nas Frequências das Atividades <i>Online</i> Relativas aos CAL em Função da Severidade dos CAL.....	21
Referências	25
Anexos.....	33
Anexo A – Pedido de autorização às escolas	33
Anexo B – Consentimento informado.....	34

Índice de Tabelas

Tabela 1. Plataformas Utilizadas Para Atividades Online Relativas aos CAL.....	10
Tabela 2. Tipologia dos Conteúdos / Conversas Online Relativos aos CAL por Cada Atividade.....	11
Tabela 3. Diferenças Nas Medidas de Frequências das Atividades Online, Identificação Com as Pessoas Que Criam Conteúdos Online Relativos aos CAL e Ideação Suicida Consoante a Presença ou Ausência de História de CAL.....	12
Tabela 4. Estatística Descritiva e Correlações Entre as Variáveis em Estudo (n=357)	15

1. Introdução

“*Regresso a mim. Alguns anos
andei viajando a conhecer
maneiras de sentir*”
(*Fernando Pessoa*)

1.1. Comportamentos Autolesivos e Atividade *Online*

Os comportamentos autolesivos (CAL), considerados um problema de saúde pública na adolescência, designam comportamentos cuja consequência não é fatal, mas em que o sujeito inicia deliberadamente um ato com uma intenção autoagressiva, independentemente da intenção suicida (Gouveia-Pereira et al., 2022; Madge et al., 2008). Em Portugal, a sua prevalência nos adolescentes varia entre 7% a 40% (Duarte et al., 2020), o que vai ao encontro das taxas encontradas em diversos estudos internacionais (e.g., Calvete et al., 2015; Muehlenkamp et al., 2012).

Segundo a Teoria da Porta de Entrada (*Gateway Theory*), os CAL devem ser conceptualizados num *continuum* em que se organizam de acordo com a sua severidade (i.e., grau de danos físicos causados por cada método de CAL) e antecedem o desenvolvimento de pensamentos e comportamentos suicidas (*Suicidal Thoughts and Behaviors – STBs*), podendo abrir caminho para o suicídio (Brausch & Gutierrez, 2010; Grandclerc et al., 2016; Hamza et al., 2012). Assim, no início deste *continuum*, podem posicionar-se CAL de gravidade leve e moderada (e.g., morder, puxar o cabelo) e, no fim, CAL de severidade elevada (e.g., cortes, tentativas de suicídio) e o suicídio consumado (Brausch & Gutierrez, 2010; Duarte et al., 2019). A ideação suicida designa os pensamentos ou a intenção de cometer suicídio (Gouveia-Pereira et al., 2022).

Paralelamente ao crescimento da prevalência dos CAL (e.g., Hawton et al., 2012), a visibilidade destes nos *media* e nas redes sociais tem aumentado (e.g., Dyson et al., 2016; Marchant et al., 2017; Reddy et al., 2016; Whitlock et al., 2006). As representações *online* destes comportamentos podem estar associadas a benefícios (e.g., obtenção de ajuda, apoio e suporte emocional, redução do isolamento social), mas também a riscos (e.g., reforço e normalização dos CAL) (e.g., Biernesser et al., 2020; Daine et al., 2013; Lewis & Seko, 2016). Ainda, existem materiais e indivíduos *online* que promovem ou encorajam os CAL (i.e., são a “favor” dos CAL) e outros que incentivam a procura de ajuda, estratégias de *coping* alternativas e oferecem recursos

factuais sobre estes comportamentos, de fontes de apoio formais e informais (i.e., “contra” a prática de CAL) (Lewis & Seko, 2016; Mavandadi & Lewis, 2021, Swannell et al., 2010). Sabe-se que os *STBs* e os CAL estão associados à exposição, produção de conteúdos e comunicação sobre os mesmos nas redes sociais, existindo uma possível relação bidirecional entre a existência de atividade *online* sobre estes comportamentos e a experiência pessoal dos mesmos (Arendt et al., 2019; Biernesser et al., 2020; Corcoran & Andover., 2020; Marchant et al., 2017; Nesi et al., 2021a). Neste âmbito, existem diversos tipos atividades *online*, tais como a visualização, criação e publicação de conteúdos relativos aos CAL (e.g., vídeos, mensagens, fotografias), a comunicação *online* sobre os CAL com indivíduos só conhecidos *online* e com indivíduos que se conhecem pessoalmente. Estas atividades podem ocorrer em diferentes plataformas, como *websites* pessoais, de vídeos (e.g., Youtube, Tiktok), redes sociais (e.g., Instagram), aplicações de mensagens (e.g., WhatsApp), e fóruns de discussão (e.g., Reddit) (Lewis & Seko, 2016; Logrieco et al., 2021; Nesi et al., 2021b).

A maioria das investigações foca-se no uso geral da *internet* e não nas várias atividades *online* sobre os CAL, sendo que estas podem ter riscos distintos. De facto, segundo Nesi et al. (2021b) a partilha, visualização e comunicação *online* com pessoas que se conhece pessoalmente está significativamente associada à história de CAL, enquanto que a comunicação com indivíduos que se conhece apenas *online* está relacionada com a história de uma ou mais tentativas de suicídio. Só mais recentemente as investigações passaram a debruçar-se sobre redes sociais como o Snapchat, Tiktok e Instagram, que são globalmente mais utilizadas (e.g., Arendt et al., 2019; Brown et al., 2018; Logrieco et al., 2021; Nesi et al., 2021b). Neste trabalho tentamos responder a algumas destas questões. Além disso, tanto quanto sabemos, em Portugal, não existem investigações neste tema.

1.2. Atividade *Online* e Identificação com os Indivíduos que Criam Conteúdos de CAL *Online*

A literatura tem demonstrado que alguns adolescentes com CAL usam o meio *online*, onde encontram pares similares com quem se podem identificar, para satisfazer necessidades de pertença e validação que vêm em falta no mundo *offline*, por nele se sentirem frequentemente isolados, não aceites, estigmatizados e com vergonha dos seus CAL (Seko et al., 2015; Simone & Hamza, 2020).

Para alguns sujeitos, as atividades *online* relacionadas com os CAL representam uma faceta da sua identidade (Nesi et al., 2021b). Por vezes, as semelhanças percebidas entre os pares *online* e o desenvolvimento de um sentimento de comunidade e pertença gerado *online* contribui para aumentar a identidade do indivíduo que se autolesiona (i.e., *self-injurer*) e leva a comparações sociais, à normalização, reforço, contágio e manutenção dos CAL (Adams et al., 2005; Colombo, 2016; Campaioli et al., 2017; Lewis & Seko, 2016; Nesi et al., 2021b; Whitlock et al., 2009). A literatura tende a abordar a identificação dos sujeitos com CAL ao sintoma/comportamento/sofrimento (Adler & Adler, 2008; Margherita & Gargiulo, 2018) ou à partilha de uma identidade coletiva entre os sujeitos com CAL *online* (Seko et al., 2015). No entanto, são escassos os estudos que avaliem o grau de identificação dos adolescentes àqueles que publicam conteúdos *online*, o que será um dos focos/objetivos deste estudo.

1.3. Atividade *Online*, Severidade e Diversidade dos CAL, Ideação Suicida

A literatura indica que os jovens com uma história de CAL são mais ativos e usam mais frequentemente a *internet* e redes sociais do que aqueles que não os praticam (Heath et al., 2010; Mitchell & Ybarra, 2007; O'Connor, 2014). A literatura demonstra maiores níveis de suicidalidade nos sujeitos que publicam *online* conteúdos sobre os CAL e uma relação positiva entre a frequência das publicações, a ideação suicida e tentativas de suicídio (Bell et al., 2018; Frost & Casey, 2016; Mok et al., 2016; Lee et al., 2022; Seong et al., 2021). Visto que os cortes e as tentativas de suicídio são métodos de CAL de severidade alta (Duarte et al., 2019), é possível que a frequência das atividades *online* seja superior nos sujeitos que praticam CAL de maior severidade.

O estudo qualitativo de Jacob et al. (2017) analisou o modo como os jovens compreendiam e usavam imagens *online* de CAL. Os autores concluíram que os participantes aprendiam *online* uma maior diversidade de CAL (i.e., segundo Gouveia-Pereira et al. (2022), o número de métodos ou comportamentos utilizados para se autolesionarem), investiam na crença que os seus CAL não eram “suficientes”, desejando tornar-se melhores “*self-injurers*”. Assim, aumentavam a severidade dos seus CAL e procuravam reproduzir comportamentos tão extremos quanto os que viam *online*. Tal está em linha com o facto de que a maioria dos adolescentes com CAL tende a deslocar-se de um primeiro comportamento menos severo para outros mais severos (Wang et al., 2015; Witt et al., 2018). A diversidade e severidade dos CAL predizem significativamente a ideação suicida e as tentativas de suicídio (Duarte et al., 2020;

Gouveia-Pereira et al., 2022), tornando-se fulcral explorar como é que estas variáveis se relacionam com as atividades *online* relativas aos CAL.

1.4. O Presente Estudo

Tanto quanto sabemos, não existem investigações a nível nacional que explorem as atividades *online* relacionadas com os CAL em adolescentes portugueses. Tendo em conta o que acabámos de expor, delineamos o objetivo de descrever as diferentes atividades *online* relativas aos CAL (visualização, criação e partilha de conteúdos *online* relativos aos CAL; comunicação *online* sobre os CAL com indivíduos conhecidos *offline* e com indivíduos só conhecidos *online*) relativamente à sua frequência, às plataformas usadas e à tipologia de conteúdos e de comunicações (contra os CAL, a favor dos CAL, neutros).

Em termos de hipóteses para o presente estudo, sabemos que, segundo a investigação de Seong et al. (2021), uma maior prática e exposição aos CAL, em termos de duração, diversidade e severidade, está associada a um maior risco de suicidalidade. Os autores consideram que as redes sociais podem constituir um canal através do qual jovens vulneráveis podem mais facilmente formar relações com indivíduos com os quais partilham aspetos, qualidades ou problemas em comum (e.g., CAL), permitindo interações *online* entre estes que se apresentam como semelhantes. Segundo Nesi et al. (2021b), numa amostra clínica de adolescentes, a comunicação *online* sobre os CAL com amigos já conhecidos *offline*, a visualização de conteúdos relativos aos CAL e a partilha de conteúdos apresentaram-se como preditores significativos da história de CAL. Mitchell e Ybarra (2007) apontam ainda que os adolescentes com CAL aderem a mais comportamentos de risco *online* e têm relações mais próximas com indivíduos que conheceram *online* do que os que não praticam CAL. Assim, colocamos a 1^a hipótese: Existem diferenças entre os indivíduos com e sem história de CAL relativamente às frequências das diferentes atividades *online* relativas aos CAL (visualização, criação e partilha de conteúdos *online* relativos aos CAL; comunicação *online* sobre os CAL com indivíduos conhecidos *offline* e com indivíduos só conhecidos *online*), à identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* relativos aos CAL e à ideação suicida. Deste modo, prevê-se que os adolescentes com história de CAL apresentem maiores frequências das atividades *online* sobre os CAL e maiores níveis de identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* relativos aos CAL e de ideação suicida do que os indivíduos sem história de CAL.

Quanto às hipóteses 2 e 3, estas são sustentadas pelo estudo de Seong et al. (2021), cujos resultados demonstraram que a publicação de conteúdos *online* sobre os CAL estava associada a um aumento do risco de história de suicidalidade (incluindo ideação suicida), ocorrendo com maior probabilidade entre aqueles que estão num nível mais elevado do espectro suicidário. Segundo Nesi et al. (2021b), numa amostra clínica de adolescentes, a comunicação *online* sobre os CAL com amigos já conhecidos *offline* e a visualização de conteúdos relativos aos CAL apresentaram-se como preditores significativos da ideação suicida. Tanto estas atividades como a partilha destes conteúdos mostrou-se relacionada com a história de CAL. Construimos assim a 2^a hipótese: Quanto maior a frequência das atividades *online* (frequência de visualização, frequência de comunicação com pessoas já conhecidas *offline*, frequência de comunicação com pessoas apenas conhecidas *online*, frequência de partilha de conteúdos, frequência de criação de conteúdos) e quanto maior a identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* relativos aos CAL, maiores serão a diversidade dos CAL e o nível de ideação suicida; e a 3^a hipótese: Existem diferenças nas frequências das atividades *online* consoante a severidade dos CAL, sendo que os participantes com comportamentos de maior severidade apresentam frequências das atividades *online* superiores.

2. Método

2.1. Participantes

A amostra total foi constituída por 366 estudantes de escolas públicas e profissionais do distrito de Setúbal, selecionados através do método de amostragem não-probabilístico, por conveniência, atendendo aos critérios de inclusão (ter entre 12 a 22 anos de idade). Foram eliminados da análise um inquirido que não aceitou participar e oito participantes devido a questionários incompletos ou com respostas repetitivas, perfazendo uma amostra final de 357 participantes (54.1% do sexo masculino), alunos do 7^o ao 12^o ano. A sua nacionalidade é maioritariamente Portuguesa (93.6%, $n = 335$), com idades compreendidas entre os 12 e os 22 anos ($M = 16.61$, $DP = 1.84$). Quanto a reprovações escolares, 58.5% ($n = 207$) dos adolescentes nunca reprovou de ano e 41.5% ($n = 147$) já teve uma ou mais reprovações. No que diz respeito ao número de irmãos, a maior parte dos inquiridos tem um ou mais irmão(s) (85.3%, $n = 302$). A maioria dos participantes (51%, $n = 182$) possui uma história de CAL, com uma média de diversidade dos métodos de CAL de 4.12 ($DP = 3.14$). Deste grupo de participantes,

21.4% ($n = 39$) reportaram a presença prévia de CAL pertencentes à dimensão de uso de substâncias, 87.4% ($n = 159$) de severidade leve / moderada e 63.7% ($n = 116$) de severidade alta.

2.2. Medidas

2.2.1. Comportamentos Autolesivos

Foi utilizado o Inventário dos Comportamentos Autolesivos (ICAL, Duarte et al., 2019), uma medida de autorrelato validada para adolescentes portugueses. Esta permite avaliar a frequência de história de 14 métodos de CAL, com quatro opções de resposta (“Não”, “Sim – 1 vez”, “Sim, 2-10 vezes”, “Sim, Mais de 10 vezes”) e categorizá-los em termos da sua severidade através de três subescalas: *Consumo de substâncias psicoativas* (e.g., “consumir drogas com a intenção de me magoar”); *CAL leves / moderados* (e.g., “mordi-me”); *CAL de severidade elevada* (e.g., “cortei-me”). Foi criada uma variável dicotômica que codificou a ausência de história de CAL como “0” e a presença de história de CAL como “1”. Neste estudo, obteve-se um alfa de Cronbach 0.89.

2.2.2. Ideação Suicida

Foi utilizado o Questionário de Ideação Suicida (SIQ, Reynolds, 1988), validado para a população portuguesa por Ferreira e Castela (1999). Esta é uma medida de autorresposta constituída por 30 itens (e.g., “Pensei suicidar-me”; “Pensei na morte”), para analisar a frequência de pensamentos suicidas numa escala de 7-pontos (1 = *Nunca*; 7 = *Sempre*). Esta escala foi posteriormente recodificada passando a variar de 0 a 6. Foi computada uma pontuação total de todos os itens através do somatório dos mesmos, a qual varia de 0-180 (quanto maior o valor, maior a ideação suicida). No presente estudo, o SIQ apresentou um alfa de Cronbach de 0.98, com uma média de 34.5 ($DP = 43.45$).

2.2.3. Atividade Online Relativa aos Comportamentos Autolesivos

Após a consulta de clínicos e investigadores com experiência na área dos CAL, e com base em investigações prévias (Lewis et al., 2012a; Nesi et al., 2021b), foi construído um questionário de autorresposta para medir: a frequência das diferentes atividades *online* sobre os CAL (visualização de conteúdos; comunicação *online* com pessoas conhecidas *offline*; comunicação *online* com pessoas apenas conhecidas *online*; criação e partilha de conteúdos) numa escala de 5-pontos (de 1 = *Nunca* a 5 = *Todos os*

dias); as plataformas usadas para cada uma das atividades (Instagram; Tiktok; Facebook; Tumblr; Blogs; Fóruns; Reddit; Whatsapp; Telegram; Outros); e a tipologia dos conteúdos / conversas *online* (Contra estes comportamentos; Neutros; A favor destes comportamentos).

2.2.4. Identificação com Indivíduos que Criam Conteúdos Relativos aos CAL Online

Esta variável foi medida através de cinco itens que foram adaptados tendo em conta os instrumentos utilizados por Palmonari et al. (1991) e Pombeni et al. (1990). Pedimos aos nossos participantes para pensarem nas pessoas que criam conteúdos sobre os CAL na *internet* e apresentaram-se os itens (e.g., “Eu identifico-me com estas pessoas”; “Eu sinto-me próximo destas pessoas”) avaliados numa escala de cinco pontos (1 = *Discordo totalmente*, 5 = *Concordo totalmente*). Neste estudo, a medida apresentou muito boa consistência interna ($\alpha = 0.93$). Calculou-se o valor médio dos cinco itens para obter a pontuação total da variável ($M = 2.4$, $DP = 1.07$), sendo que valores mais elevados representam uma maior identificação.

2.2.5. Questionário Sociodemográfico

As variáveis sociodemográficas incluíram o sexo, idade, nacionalidade, ano de escolaridade, potenciais reprovações escolares, número de irmãos, entre outras.

2.3. Procedimento

O presente estudo é exploratório, descritivo e correlacional, com corte transversal, e segue uma abordagem quantitativa. Este insere-se num projeto mais abrangente e foi revisto e aprovado pela Comissão de Ética do ISPA. Após a construção do questionário, para aferir se era de fácil compreensão, foi realizado um pré-teste do mesmo com seis adolescentes. As alterações feitas incidiram em variáveis não medidas neste estudo.

As escolas foram contactadas, informadas sobre o intuito da investigação, e confirmou-se a sua colaboração. Foram selecionadas as turmas e obtidos os consentimentos informados (assentimentos para os menores de 18 anos) dos adolescentes e dos pais dos menores de idade. A recolha de dados decorreu através de um questionário de autorresposta com uma duração média de cerca de 30 minutos, aplicado presencialmente entre Abril e Junho de 2022. Esta deu-se num só momento, num tempo letivo com o acordo das escolas. Explicou-se o objetivo do estudo e garantiu-se o carácter voluntário da participação e o anonimato e confidencialidade das

respostas. No fim do questionário foram pedidas informações sociodemográficas. A análise estatística foi realizada através do *IBM SPSS Statistics* (versão 28.0), tendo sido usadas correlações de *Pearson*, o *Teste t de Comparação de Médias para Amostras Independentes* e a *One-way ANOVA*.

3. Resultados

De seguida iremos analisar os resultados desta investigação tendo em conta as hipóteses e análises descritas acima.

3.1. Descrição das Atividades *Online* Relativas aos CAL

Em resposta ao objetivo deste estudo (i.e., a descrição das diferentes atividades *online* relativas aos CAL quanto à sua frequência, às plataformas utilizadas e à tipologia de conteúdos e de comunicações”), emergiram os resultados que se seguem:

Em termos das diferenças entre o sexo dos participantes relativamente à adesão às diferentes atividades *online*, não foram verificadas diferenças significativas. Quanto à idade, apenas se verificaram diferenças significativas na frequência de comunicação *online* com indivíduos apenas conhecidos *online* ($t_{(315.596)} = 2.11, p < .05, d = 2.29$), sendo que os participantes com idades entre os 12 e os 16 anos apresentaram uma frequência de comunicação *online* (com indivíduos apenas conhecidos *online*) superior ($M = 1.65, DP = .96$) aos que têm idades compreendidas entre os 17 e os 22 anos de idade ($M = 1.45, DP = .79$).

No que diz respeito às frequências de realização das atividades *online* relativas aos CAL, a visualização de conteúdos *online* sobre os CAL foi a atividade que mais jovens revelaram participar e com uma maior frequência de adesão ($M = 2.6, DP = 1.15$), sendo que 73 (20.4%) participantes reportaram nunca ter visto estes conteúdos e os restantes 277 (77.6%) afirmaram já ter visto. Quanto à frequência de comunicação *online* sobre estes comportamentos com pessoas que já conhecem *offline* ($M = 2, DP = 1.03$), 145 (40.6%) adolescentes referiram nunca ter realizado esta atividade e 208 (58.3%) reportaram já ter conversado. No que concerne à frequência de comunicação *online* sobre os CAL com pessoas que só conhecem *online* ($M = 1.6, DP = 0.88$), 233 (65.3%) participantes reportaram nunca ter tido esta atividade e 119 (33.3%) participantes já a fizeram. Em relação à partilha de conteúdos *online* relativos aos CAL ($M = 1.5, DP = 0.83$), 254 (71.1%) adolescentes afirmaram nunca ter partilhado e 99 (27.8%) referem já o ter feito. A criação de conteúdos para publicar *online* sobre estes

comportamentos foi a atividade realizada com menor frequência ($M = 1.2$, $DP = 0.58$) e por menos participantes, visto que 315 (88.2%) afirmaram nunca ter criado estes materiais, isto é, apenas 39 (11%) afirmaram já ter o ter feito.

Os participantes que já realizaram pelo menos uma das atividades *online* relacionadas aos CAL ($n = 302$, 84.6%) utilizaram variadas plataformas, descrito na Tabela 1. Destaca-se o Instagram como a plataforma mais utilizada para todos os tipos de atividades *online*, à exceção da comunicação *online* sobre os CAL com pessoas já conhecidas *offline*, cuja plataforma preponderante foi o Whatsapp. Considerando as diferentes atividades *online*, é possível constatar que, no geral, a tipologia dos conteúdos / conversas é principalmente contra os CAL, seguida de neutra e, em menor número, a favor (Tabela 2).

Tabela 1.*Plataformas Utilizadas Para Atividades Online Relativas aos CAL*

Atividades <i>online</i> relativas aos CAL	Plataformas <i>n</i> (%)										
	Instagram	Tiktok	Whatsapp	Discord	Facebook	Tumblr	Blogs	Fóruns	Reddit	Telegram	Outras
Visualização de conteúdos <i>online</i> ^a	225 (81.2%)	187 (67.5%)	100 (36.1%)	55 (19.9%)	51 (18.4%)	7 (2.5%)	15 (5.4%)	19 (6.9%)	33 (11.9%)	22 (7.9%)	46 (16.6%)
Comunicação <i>online</i> com pessoas já conhecidas <i>offline</i> ^b	115 (56.1%)	23 (11.2%)	162 (79%)	48 (23.4%)	13 (6.3%)	1 (0.5%)	2 (1%)	2 (1%)	3 (1.5%)	7 (3.4%)	5 (2.4%)
Comunicação <i>online</i> com pessoas só conhecidas <i>online</i> ^c	69 (58%)	18 (15.1%)	68 (57.1%)	41 (34.5%)	7 (5.9%)	2 (1.7%)	3 (2.5%)	4 (3.4%)	6 (5%)	6 (5%)	3 (2.5%)
Partilha de conteúdos <i>online</i> ^d	83 (84.7%)	14 (14.3%)	41 (41.8%)	8 (8.2%)	9 (9.2%)	2 (2%)	1 (1%)	1 (1%)	2 (2%)	2 (2%)	7 (7.1%)
Criação de conteúdos <i>online</i> ^e	24 (64.9%)	14 (37.8%)	14 (37.8%)	6 (16.2%)	3 (8.1%)				1 (2.7%)	2 (5.4%)	1 (2.7%)

Nota. CAL, Comportamentos autolesivos

Amostra limitada a: ^a 277 participantes que já viram estes conteúdos; ^b 205 participantes que já conversaram com indivíduos já conhecidos *offline* e que selecionaram pelo menos uma das plataformas; ^c 119 participantes que já conversaram com indivíduos apenas conhecidos *online*; ^d 98 participantes que já partilharam estes conteúdos e que selecionaram pelo menos uma das plataformas; ^e 37 participantes que já criaram estes conteúdos e que selecionaram pelo menos uma das plataformas. Para a criação de conteúdos *online* relativos aos CAL, nenhum participante usou as plataformas Tumblr, Blogs e Fóruns

Tabela 2.*Tipologia dos Conteúdos / Conversas Online Relativos aos CAL por Cada Atividade*

Atividades <i>online</i> relativas aos CAL	Tipologia dos conteúdos / conversas <i>n</i> (%) ^e		
	Contra os CAL	Neutros	A favor dos CAL
Visualização de conteúdos <i>online</i> ^a	116 (45%)	106 (41.1%)	22 (8.5%)
Comunicação <i>online</i> com pessoas já conhecidas <i>offline</i> ^b	113 (57.4%)	71 (36%)	8 (4.1%)
Comunicação <i>online</i> com pessoas só conhecidas <i>online</i> ^c	56 (47.1%)	45 (40.9%)	5 (4.5%)
Partilha de conteúdos <i>online</i> ^d	55 (57.9%)	27 (28.4%)	10 (10.5%)
Criação de conteúdos <i>online</i>	12 (40%)	12 (40%)	6 (20%)

Nota. CAL, Comportamentos autolesivos

Alguns participantes selecionaram mais do que uma opção de resposta, surgindo as categorias: Neutros e contra os CAL; Neutros e a favor; Contra e a favor; Contra, neutros e a favor. ^a Conteúdos vistos: neutros e contra os CAL ($n = 3$, 1.2%); neutros e a favor ($n = 2$, 0.8%); contra e a favor ($n = 6$, 2.3%); contra, neutros e a favor ($n = 3$, 1.2%). ^b Conversas (com pessoas já conhecidas *offline*): neutras e contra os CAL ($n = 3$, 1.5%); neutras e a favor ($n = 1$, 0.5%); contra, neutras e a favor ($n = 1$, 0.5%). ^c Conversas (com pessoas só conhecidas *online*): neutras e contra ($n = 3$, 2.7%); contra, neutras e a favor ($n = 1$, 0.9%). ^d Conteúdos partilhados: neutros e contra ($n = 3$, 3.2%). ^e Reflete o número e percentagem de participantes que respondeu a alguma das opções de resposta à exceção de “Nunca” para cada uma das diferentes atividades *online*.

3.2. Diferenças nas Frequências das Atividades *Online* Relativas aos CAL, nos Níveis de Identificação com os Indivíduos que Criam Conteúdos *Online* Sobre os CAL e no Nível de Ideação Suicida em Função da História de CAL

No que diz respeito aos resultados relativos à 1ª hipótese, visíveis na Tabela 3, procedeu-se ao *Teste t student*. Assim, comparou-se as médias dos grupos (com história de CAL e sem história de CAL) nas frequências das diferentes atividades *online* e nos níveis de identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* sobre os CAL e de ideação suicida.

Demonstraram-se diferenças significativas entre os sujeitos com história de CAL e sem história de CAL no que diz respeito à frequência de comunicação *online* sobre os CAL com pessoas já conhecidas *offline*, sendo esta superior nos adolescentes que têm história de CAL ($M = 2.1$) comparativamente com quem não tem história de CAL ($M = 1.9$). Verificou-se o mesmo padrão quanto à frequência de comunicação com pessoas apenas conhecidas *online*, visto que esta é maior nos indivíduos com história de CAL ($M = 1.7$) do que nos sem história de CAL ($M = 1.4$). Relativamente às frequências das restantes atividades *online* relativas aos CAL, não se apresentaram diferenças significativas entre quem tem e quem não tem história de CAL.

Os sujeitos com história de CAL apresentaram níveis de identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* sobre os CAL significativamente superiores ($M = 2.6$), em relação a quem não tem história de CAL ($M = 2.2$). Os dados revelaram ainda uma ideação suicida significativamente maior nos sujeitos com história de CAL ($M = 55.7$), do que nos participantes sem história destes comportamentos ($M = 12.4$).

Tabela 3.

Diferenças Nas Medidas de Frequências das Atividades Online, Identificação Com as Pessoas Que Criam Conteúdos Online Relativos aos CAL e Ideação Suicida Consoante a Presença ou Ausência de História de CAL

	História de CAL	Sem história de CAL	t	p	d de Cohen
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>			
Frequência visualização conteúdos	2.6 (1.12)	2.6 (1.17)	.10	<i>n.s</i>	<i>n.s</i>
Frequência comunicação com	2.1 (1.06)	1.9 (.99)	-2.23	.026*	-0.24

<p> pessoas já conhecidas <i>offline</i> Frequência comunicação com pessoas só conhecidas <i>online</i> </p>	1.7 (.90)	1.4 (.84)	-2.19	.030*	-0.23
<p> Frequência partilha de conteúdos </p>	1.5 (.83)	1.4 (.82)	-.36	<i>n.s</i>	<i>n.s</i>
<p> Frequência criação de conteúdos </p>	1.2 (.59)	1.2 (.58)	-.57	<i>n.s</i>	<i>n.s</i>
<p> Identificação com pessoas que criam conteúdos <i>online</i> <i>sobre os CAL</i> </p>	2.6 (1.05)	2.2 (1.07)	-3.15	.002**	-0.34
Ideação Suicida	55.7 (48.64)	12.4 (21.02)	-10.98	<.001***	-1.15

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

3.3. Relação Entre as Variáveis em Estudo

Mapeou-se os resultados das nossas variáveis em estudo, sumarizados na Tabela 4. com as correlações entre as variáveis ($n = 357$):

A análise correlacional bivariável, em termos de resultados estatisticamente significativos, demonstrou que a ideação suicida estava positiva e significativamente correlacionada com a história de CAL e com a diversidade destes comportamentos. As variáveis referentes a cada tipo específico de atividade *online* correlacionaram-se todas significativa e positivamente entre si, e também com a identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* sobre os CAL. As correlações ponto-bisseriais efetuadas revelaram que apenas dois tipos específicos de atividades demonstraram estar significativa e positivamente associadas com a história de CAL, nomeadamente, a frequência de comunicação *online* sobre os CAL com pessoas já conhecidas *offline* e com pessoas só conhecidas *online*. Também a identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* relativos aos CAL correlacionou-se positivamente com a história de CAL.

Com o intuito de responder à hipótese 2, a qual propõe a existência de associações positivas significativas entre: a) a frequência das atividades *online* (visualização, criação e partilha de conteúdos *online* relativos aos CAL; comunicação *online* sobre os CAL com indivíduos conhecidos *offline* e com indivíduos só conhecidos *online*) e b) a identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* relativos aos

CAL, e as variáveis diversidade dos CAL e ideação suicida, surgiram os resultados que se seguem:

As frequências de comunicação *online* sobre os CAL com pessoas já conhecidas *offline* e também com pessoas apenas conhecidas *online* demonstraram estar significativa e positivamente associadas à diversidade dos CAL. Tanto a frequência de comunicação *online* sobre os CAL com indivíduos só conhecidos *online*, como a de comunicação *online* com pessoas já conhecidas *offline* e, ainda, a frequência de partilha de conteúdos *online* sobre estes comportamentos correlacionaram-se positiva e significativamente com a ideação suicida. Por último, também houve uma associação positiva significativa entre a identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* relativos aos CAL e a ideação suicida. Não foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre as restantes variáveis (Ver Tabela 4).

Tabela 4.*Estatística Descritiva e Correlações Entre as Variáveis em Estudo (n=357)*

Variáveis	M (DP)	1	2	3	4	5	6	7	8	9
(1) História CAL ^a (%)	51%	-								
(2) Diversidade CAL ^b	4.1 (3.14)		-							
(3) Frequência visualização	2.6 (1.15)	<i>n.s</i>	<i>n.s</i>	-						
(4) Frequência comunicação conhecidos <i>offline</i>	2 (1.03)	.118*	.133*	.425**	-					
(5) Frequência comunicação conhecidos só <i>online</i>	1.6 (0.88)	.116*	.159*	.341**	.530**	-				
(6) Frequência partilha	1.5 (0.83)	<i>n.s</i>	<i>n.s</i>	.358**	.393**	.456**	-			
(7) Frequência criação	1.2 (0.58)	<i>n.s</i>	<i>n.s</i>	.272**	.393**	.452**	.492**	-		
(8) Identificação com pessoas que criam conteúdos <i>online</i>	2.4 (1.07)	.166**	<i>n.s</i>	.342**	.356**	.249**	.326**	.314**	-	
(9) Ideação Suicida	34.5 (43.45)	.499**	.648**	<i>n.s</i>	.161**	.183**	.107**	<i>n.s</i>	.152**	-

Nota. CAL, *Comportamentos autolesivos*. * $p < .05$, ** $p < .01$

^a 0 = ausência de história de CAL e 1 = presença de história de CAL. A presença de uma história de CAL foi listada através da %. ^b Para a diversidade dos CAL, apenas foram considerados os participantes com história de comportamentos autolesivos ($n = 182$)

3.4. Diferenças nas Frequências das Atividades *Online* Relativas aos CAL em Função da Severidade dos CAL

Com vista a responder à 3ª hipótese (i.e., existem diferenças nas frequências das atividades *online* em função da severidade dos CAL, sendo que os adolescentes que praticam comportamentos de maior severidade apresentam maiores frequências de atividade *online*) foi realizada uma *One-way ANOVA*.

Apenas três dos adolescentes com uma história de CAL reportaram nunca ter praticado métodos de CAL de severidade alta ou de severidade moderada (i.e., apenas realizaram CAL pertencentes à dimensão consumo de substâncias psicoativas). Assim, estes participantes foram excluídos desta análise e, à semelhança do efetuado por Gouveia-Pereira et al. (2022), foram criados três grupos de severidade, i.e., 1. Apenas severidade leve / moderada ($n = 63$, 17.6%); 2. Apenas severidade alta ($n = 20$, 5.6%); 3. Severidade leve / moderada e alta ($n = 96$, 26.9%). Porém, tendo em conta o tamanho reduzido do grupo “Apenas severidade alta”, os participantes não pertencentes ao grupo de “Severidade leve / moderada” foram combinados num único grupo “Severidade alta e severidade leve / moderada e alta”, para permitir comparações entre os grupos. Segundo os resultados da *ANOVA*, não se verificaram diferenças significativas entre os dois grupos de severidade dos CAL nas frequências de visualização de conteúdos *online* sobre estes comportamentos, de comunicação *online* sobre os CAL com pessoas já conhecidas *offline* e com pessoas apenas conhecidas *online*, nem nas frequências de partilha e de criação de conteúdos *online* relativos a estes comportamentos.

4. Discussão

Este estudo divide-se em duas partes: 1) uma análise descritiva e exploratória, propondo-se a mapear e descrever a atividade *online* dos adolescentes portugueses, abrindo caminho para futuras investigações, dado que, tanto quanto se sabe, não existem estudos em Portugal que se debrucem sobre este tema; e 2) a análise das hipóteses construídas. São efetuadas comparações entre os adolescentes: a) com e sem história de CAL e b) com diferentes níveis de severidade dos CAL, quanto à frequência das atividades *online*, identificação aos indivíduos que criam conteúdos *online* sobre os CAL e ideação suicida. Analisam-se as relações entre variáveis como a frequência das atividades *online* e a identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* relativos aos CAL, com variáveis clínicas que têm impacto no risco de suicídio (i.e., a história, diversidade dos CAL e ideação suicida) (e.g., Gouveia-Pereira et al., 2022; Duarte et al., 2020).

4.1. Descrição das Atividades *Online*

As análises descritivas demonstraram que a maior parte dos adolescentes (84.6%) reportou já ter realizado pelo menos uma das atividades *online*, ou seja, uma proporção bastante considerável dos participantes desta amostra comunitária. Mais especificamente, a maioria (77.6%) revelou já ter visto conteúdos *online* relativos aos CAL, principalmente com a frequência de algumas vezes. Também mais de metade afirmou já ter comunicado *online* com indivíduos já conhecidos *offline*, sendo que a maioria o fez raramente ou, em segundo lugar, algumas vezes. Um terço dos participantes referiu já ter comunicado *online* com pessoas apenas conhecidas *online*. Estes dados possuem semelhanças aos obtidos por Nesi et al. (2021b) onde a comunicação *online* com indivíduos já conhecidos *offline* foi a atividade preponderante, seguida da visualização de conteúdos, da comunicação *online* com indivíduos apenas conhecidos *online* e, por último, da partilha de conteúdos *online* sobre os CAL.

Os resultados demonstraram que as plataformas mais usadas pelos jovens para realizar as atividades *online* referentes aos CAL foram o Instagram e o Whatsapp. A maior parte dos estudos tem-se focado nas representações *online* dos CAL em fóruns ou websites especificamente desenvolvidos para abordar estes comportamentos (e.g., Lewis & Seko, 2016), ainda que a investigação já tenha começado a focar-se no Instagram (e.g., Arendt et al., 2019; Brown et al., 2018). Porém, no presente estudo, o número de participantes que reportou utilizar estas plataformas foi muito reduzido. Reforça-se a importância de realizar mais estudos que se debrucem sobre as representações dos CAL em redes sociais mais modernas e usadas pelos jovens (e.g., Instagram, Whatsapp), como já sugerido por Nesi et al. (2021b).

Os dados demonstraram que a maioria dos adolescentes que já realizou alguma das atividades *online* relativas aos CAL percecionou a tipologia dos conteúdos / conversas essencialmente como contra estes comportamentos, o que é consistente com a literatura (e.g., Bell et al., 2018; Swannell et al., 2010). Este resultado é positivo visto que os materiais *online* a favor dos CAL têm sido objeto de preocupação pelos profissionais de saúde mental, por poderem contribuir para a normalização e perpetuação destes comportamentos e de identidades construídas em torno dos mesmos (Bell, 2014; Murray & Fox, 2006). Importa referir que, neste trabalho, apesar de ter sido pedido aos participantes para selecionarem, para cada uma das atividades *online* que realizavam, qual das três tipologias de conteúdos / conversas (Contra os CAL; a favor dos CAL; neutros) melhor se aplicava à sua experiência *online*, alguns inquiridos escolheram mais do que uma opção, o que reforça que a forma como estes comportamentos são representados *online* é complexa e pode ter várias nuances. Aquilo

que pode constituir um perigo ou um benefício associado a estas atividades *online* depende da percepção do seu utilizador (Bell et al., 2018) e o mesmo indivíduo pode praticar atividades de índoles distintas. Estes resultados podem também ter surgido uma vez que a pergunta foi feita para o geral e não para a especificidade de cada plataforma.

4.2. Comparações em Função da História de CAL

Em linha com o previsto na 1ª hipótese, os adolescentes com história de CAL apresentaram uma maior frequência de comunicação *online* sobre os CAL (com pessoas também conhecidas *offline* e com pessoas apenas conhecidas *online*) do que os sem história de CAL. A literatura tem evidenciado associações entre a comunicação *online* sobre os CAL e a história ou prática atual destes comportamentos nos adolescentes, os quais comunicam, interagem e têm relações mais próximas entre si muitas vezes para partilharem experiências e histórias pessoais e dar ou receber apoio em relação aos seus CAL (Adams et al., 2005; Corcoran & Andover, 2020; Lewis et al., 2012b; Lewis et al., 2011; Mitchell & Ybarra, 2007; Nesi et al., 2021b; Owens, 2015; Sternudd, 2012).

Esta primeira hipótese estabelecida revelou-se parcialmente suportada, visto que, ao contrário do que seria de esperar de acordo a investigação (e.g., Nesi et al., 2021b), não se verificaram diferenças na frequência da visualização e partilha de conteúdos *online* sobre os CAL em função da história de CAL, nem na frequência de criação de conteúdos. Todavia, esta falta de diferenças também parece ser relevante. Sabe-se que a *internet* pode fornecer acesso a várias informações e de diferentes fontes (formais e informais) relativamente a questões relativas à saúde mental, em geral, e aos CAL, em particular (Frost & Casey, 2016). É possível que a inexistência de diferenças entre os adolescentes com e sem história de CAL quanto à frequência das atividades *online* supracitadas possa atestar um aumento crescente de preocupações quanto às temáticas do foro mental, em paralelo com o aumento da prevalência dos CAL (e.g., Hawton et al., 2012), o qual se reflete numa maior visibilidade das representações destes comportamentos na *internet* e redes sociais (Dyson et al., 2016; Reddy et al., 2016; Marchant et al., 2017; Whitlock et al., 2007), mesmo entre aqueles sem história de CAL. De facto, os jovens têm reportado interesse em saber mais sobre saúde mental e em normalizar a discussão sobre este tema (Tullius & Beukema, 2021).

Os resultados demonstraram ainda que os adolescentes com história de CAL apresentaram um nível de identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* sobre os CAL superior a quem não tem história de CAL. Estes dados parecem ir ao encontro da literatura

que aponta que nas comunidades *online* relativas aos CAL os membros que têm estes comportamentos reúnem-se *online* através da identificação coletiva a um sofrimento e sintoma comum, sentindo que partilham entre eles uma mesma identidade baseada em sintomas (Margherita & Gargiulo, 2018). Também os níveis de ideação suicida se revelaram mais elevados nos indivíduos com história de CAL, o que é consistente com o hipotetizado e com a literatura que suporta a associação entre a prática de CAL e a ideação suicida (Cruz et al., 2013; Gouveia-Pereira et al., 2020; Grandclerc et al., 2016).

4.3. Relação Entre as Variáveis em Estudo

No que diz respeito aos resultados relativos à 2ª hipótese estabelecida, demonstrou-se que as frequências de comunicação *online* (com pessoas já conhecidas *offline* e com indivíduos apenas conhecidos *online*) se encontraram positivamente associadas à diversidade dos CAL, bem como à ideação suicida. Estes dados vão ao encontro da literatura que demonstra níveis superiores de risco de suicídio nos indivíduos que utilizam a *internet* por questões referentes ao suicídio, nomeadamente, ao comunicarem com outros similares e descobrirem que não estão sozinhos no seu sofrimento (Bell et al., 2018; Mok et al., 2016). Também a frequência de partilha de conteúdos *online* sobre os CAL apresentou uma associação positiva com a ideação suicida, em linha com estudos que demonstram que a publicação de conteúdos relativos aos CAL na *internet* está relacionada com uma maior probabilidade de história de ideação suicida e tentativas de suicídio (Seong et al., 2021; Swedo et al., 2021).

Contrariamente ao previsto, não se verificaram relações significativas das variáveis frequências de visualização e de criação de conteúdos *online* sobre os CAL com a diversidade dos CAL e a ideação suicida. Também não foram encontradas correlações significativas entre a frequência de partilha destes materiais *online* e a diversidade dos CAL. Na tentativa de entender estes dados, pode-se atender a alguns estudos que sugerem a possibilidade de existirem mecanismos distintos por detrás da publicação e da visualização de conteúdos *online* sobre os CAL: há um envolvimento mais “passivo” no caso da visualização destes conteúdos e mais “ativo” no caso da criação e partilha de materiais. Estas últimas ocorrem com maior probabilidade entre aqueles que estão a um nível de risco superior no *continuum* da suicidalidade e podem ser entendidas como um “pedido de ajuda” ou um “ensaio de um plano de suicídio” (Seong et al., 2021; Swedo et al., 2021). Justifica-se, portanto, que enquanto a frequência da partilha de conteúdos se mostrou correlacionada com a ideação

suicida, não aconteceu o mesmo entre a visualização destes materiais e a diversidade dos CAL e ideação suicida.

Por outro lado, a falta de associações entre a frequência de criação de conteúdos e as variáveis clínicas é de estranhar, ainda que se possa dever ao facto de que foi a atividade que menos jovens reportaram já ter realizado (apenas 39 participantes afirmaram já ter criado estes materiais). Tornam-se necessárias mais investigações com amostras de maiores dimensões que permitam averiguar a relação entre a frequência de criação e de partilha de conteúdos *online* sobre os CAL, a diversidade e ideação suicida.

No que diz respeito às associações entre a identificação aos indivíduos que criam conteúdos *online* relativos aos CAL e a diversidade dos CAL e ideação suicida, demonstrou-se que a identificação estava correlacionada de forma positiva e significativa com a ideação suicida. Considerando que a identidade é um processo relacional em que o indivíduo procura na sua cultura fontes de identificação (Erikson, 1968), estes resultados encontram-se em linha com os de Nesi et al. (2021b), donde os adolescentes que tiveram níveis elevados da função de exploração da identidade, relativamente às suas práticas *online*, apresentaram um maior risco de ideação suicida.

Ademais, as análises de correlações exploratórias permitiram demonstrar que não só as variáveis relativas às frequências das diferentes atividades *online* se correlacionaram positivamente, como também se associaram de forma positiva à identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* relacionados com os CAL. Pode-se assim propor, em consonância com outras investigações (Bell et al., 2018; Seko et al., 2015; Simone & Hamza, 2020), que alguns adolescentes navegam no mundo *online* e identificam-se aos pares similares com quem provavelmente partilham os mesmos sintomas e sofrimento, estando possivelmente à procura de um sentimento de pertença, compreensão, validação e de não estigmatização que não obtêm no mundo *offline*.

O risco da identificação com outros indivíduos que também praticam CAL e a formação de uma identidade alternativa (e.g., “*self-injurers*”) prende-se com várias consequências negativas que têm sido reportadas na literatura, tais como comparações e competições entre os adolescentes (e.g., Breen et al., 2013; Lewis & Seko, 2016; Sternudd, 2012). Os autores referem que, por vezes, geram-se crenças de que é necessário alcançar um dado nível de gravidade dos CAL para se poder possuir uma identidade enquanto “*self-injurer*”, competições entre quem é o melhor a autolesionar-se ou quem tem os cortes mais

profundos, o que pode levar à perpetuação da prática de CAL. Não obstante, não se pode descurar que esta identificação poderá propiciar mais apoio e um menor isolamento (Whitlock et al., 2007), constituindo uma potencial influência positiva. Ademais, a maioria dos jovens neste estudo reportou que a tipologia de conteúdos / conversas *online* era contra estes comportamentos. Existe, assim, a possibilidade de comunicarem, de se identificarem e conectarem com pessoas com quem partilham experiências similares, com indivíduos que deixaram de realizar CAL, e que advogam e encorajam a procura de ajuda e a recuperação (Boyd et al., 2011; Lewis & Seko, 2016), podendo por isso trazer mais-valias. Neste sentido, torna-se também mais compreensível que os resultados não tenham demonstrado uma associação significativa entre a identificação e a diversidade dos CAL, ainda que sejam necessários estudos futuros que explorem esta questão.

Foram também demonstradas correlações fortes positivas entre a ideação suicida e a diversidade dos comportamentos, o que é consistente com a literatura (Duarte et al., 2020; Gouveia-Pereira et al., 2022).

4.4. Diferenças nas Frequências das Atividades *Online* Relativas aos CAL em Função da Severidade dos CAL

A 3ª hipótese deste estudo previu que existiriam diferenças entre os níveis de severidade dos CAL nas frequências das atividades *online* relativas a estes comportamentos. Esta hipótese adveio das relações positivas entre a frequência da atividade *online* e as tentativas de suicídio (e.g., Lee et al., 2022), do facto dos cortes terem sido identificados como o método de CAL mais frequentemente representado no meio *online* (Arendt et al., 2019; Brown et al., 2018) e por ambos serem métodos de elevada severidade (Duarte et al., 2019). Todavia, a mesma não foi suportada pelos resultados do presente estudo.

Além disso, embora os cortes sejam o método de longe mais frequentemente representado *online*, os métodos de severidade baixa também surgem neste meio. Isto pode acontecer, por exemplo, através de imagens e representações visuais (Brown et al., 2018) e através de conversas. Podem ser discutidas informações factuais sobre métodos de CAL, truques sobre como esconder a prática de CAL das outras pessoas e até estratégias para se permanecer seguro (Lewis & Baker, 2011; Lewis & Seko, 2016; Whitlock et al., 2006). Podem assim ser divulgados métodos de CAL que não impliquem danos tão elevados, o que é reforçado pelo facto desta amostra ter reportado ver, partilhar, criar e conversar *online* essencialmente contra estes comportamentos.

É também importante salientar que alguns autores apontam para uma tendência crescente em partilhar *online* CAL mais severos (e.g., Brown et al., 2018). Porém, muitas vezes descrevem e incidem em aspetos como a própria “profundidade” dos cortes e cicatrizes (Baker & Lewis, 2013; Brown et al., 2018; Seko, 2013). A forma como a severidade dos CAL é conceptualizada e operacionalizada neste trabalho, isto é, categorizando cada método de CAL de acordo com o seu nível de severidade (Duarte et al., 2019), parece ser diferente do que é feito noutros estudos, tornando-se justificável a discrepância dos dados obtidos.

4.5. Limitações, Forças do Estudo e Direções Futuras

Relativamente a limitações do presente estudo, salienta-se que as análises foram apenas realizadas com medidas de autorresposta, o que poderá ter levado a enviesamentos, tais como o viés de confirmação e a desejabilidade social. Uma vez que este estudo está integrado num projeto de maior dimensão, o questionário contemplou instrumentos de medida de variáveis que não foram analisadas neste trabalho, tornando o seu preenchimento mais moroso e, possivelmente, mais cansativo para os participantes. Ademais, o estudo é exploratório, transversal e correlacional, não sendo determinadas relações de causalidade, pelo que são necessários estudos longitudinais que explorem e investiguem estas questões. Ainda assim, continua a ser bastante relevante visto que aquilo que os adolescentes publicam e comunicam *online* sobre estes comportamentos pode refletir sinais e sintomas representativos do seu sofrimento e da suicidalidade.

Ainda que a amostra seja de tamanho considerável e homogénea em termos de sexos, os participantes foram provenientes apenas de escolas do distrito de Setúbal, limitando a generalização dos resultados. Pode ser importante em futuras investigações abranger indivíduos de outros distritos, com vista a tornar a amostra mais representativa da população de adolescentes portugueses. Seria também relevante aplicar o questionário a uma amostra clínica e comparar a mesma a uma amostra comunitária, levando a uma melhor identificação dos adolescentes vulneráveis a CAL e *STBs* com base no seu comportamento *online*, permitindo um aprimoramento de intervenções preventivas e clínicas junto dos mesmos.

Não obstante as limitações referidas, este estudo apresenta várias mais-valias, nomeadamente, o facto de se focar num tópico, a atividade *online* sobre os CAL, cuja exploração, a nível nacional, parece ser ausente. Além disso, são escassas as investigações no plano internacional que relacionem as diferentes atividades *online* sobre os CAL à severidade e diversidade destes comportamentos, variáveis que constituem preditores significativos da

ideação suicida e das tentativas de suicídio (Gouveia-Pereira et al., 2022), sendo, portanto, essencial analisá-las. Nesta linha, para futuros estudos, seria pertinente analisar de forma mais profunda a relação entre a atividade online e a construção da identidade, podendo ser uma mais valia quer para o desenvolvimento do conhecimento sobre este tema, quer para a prática clínica.

4.6. Implicações Clínicas

A maioria dos adolescentes neste estudo reportou a presença de uma história de CAL e a realização de pelo menos um tipo específico de atividade *online* sobre estes comportamentos. Considera-se que estes dados vão no mesmo sentido da literatura que suporta o aumento das prevalências dos CAL e das suas representações *online* (e.g., Hawton et al., 2012; Reddy et al., 2016; Marchant et al., 2017). Assim, o estudo das atividades *online* relativas aos CAL poderá ter implicações no contexto clínico e ser relevante para programas preventivos e interventivos.

A análise quantitativa da identificação com os indivíduos que criam conteúdos *online* sobre os CAL foi um aspeto inovador e importante deste estudo que permitiu gerar sensibilização quanto à associação da mesma com a história de CAL e com a ideação suicida. Além disso, considerando que os adolescentes que se servem das atividades *online* com a função de explorar a sua identidade, tendem a fazê-lo maioritariamente sem supervisão ou aconselhamento clínico (Nesi et al., 2021b), é importante alertar os clínicos para esta questão, com vista a suportar outras formas de construção da identidade.

É fulcral que os profissionais de saúde mental estejam a par do que se passa na *internet* e redes sociais, que tenham conhecimento da diversidade de formas e meios através dos quais os CAL podem ser representados *online* e com os quais os jovens contactam. Assim, pode-se contribuir para uma melhor identificação e sinalização dos adolescentes que estão mais em sofrimento, tornando-se mais fácil chegar aos mesmos, visto que a literatura tem demonstrado que alguns clínicos não estão suficientemente consciencializados sobre esta temática (Lewis et al., 2012a). Como vimos, um dos resultados mais claros e relevantes deste estudo diz respeito às associações positivas encontradas entre ambos os tipos de comunicação *online* relativa aos CAL e as variáveis clínicas (i.e., história e diversidade dos CAL, ideação suicida), destacando-se das demais atividades. Assim sendo, reforça-se a importância dos clínicos e investigadores estarem particularmente atentos aos adolescentes que conversam *online* sobre estes comportamentos, o que também se aplica aos pais e professores que

contactam diretamente com estes jovens. A disponibilização de serviços *online* baseados na evidência que identifiquem e deem apoio a estes indivíduos é relevante. São por isso necessárias mais investigações nesta área, especialmente em Portugal.

Referências

- Adams, J., Rodham, K., & Gavin, J. (2005). Investigating the "self" in deliberate self-harm. *Qualitative health research*, *15*(10), 1293–1309.
<https://doi.org/10.1177/1049732305281761>
- Adler, P. A., & Adler, P. (2008). The cyber worlds of self-injurers: deviant communities, relationships, and selves. *Symbolic interaction*, *31*(1), 33-56.
- Arendt, F., Scherr, S., & Romer, D. (2019). Effects of exposure to self-harm on social media: Evidence from a two-wave panel study among young adults. *New Media and Society*, *21*(11-12), 2422-2442. <https://doi.org/10.1177/1461444819850106>
- Baker, T. G., & Lewis, S. P. (2013). Responses to Online Photographs of Non-Suicidal Self-Injury: A Thematic Analysis. *Archives of Suicide Research*, *17* (3), 223-235.
<https://doi.org/10.1080/13811118.2013.805642>
- Bell, J. (2014). Harmful or helpful? The role of the Internet in self-harming and suicidal behaviour in young people. *Mental Health Review Journal*, *19*(1), 61–71. <https://doi.org/10.1108/MHRJ-05-2013-0019>
- Bell, J., Mok, K., Gardiner, E., & Pirkis, J. (2018). Suicide-Related Internet Use Among Suicidal Young People in the UK: Characteristics of Users, Effects of Use, and Barriers to Offline Help-Seeking. *Archives of Suicide Research*, *22*(2), 273-277.
<https://doi.org/10.1080/13811118.2017.1334609>
- Biernesser, C., Sewall, C., Brent, D., Bear, T., Mair, C., & Trauth, J. (2020). Social Media Use and Deliberate Self-Harm Among Youth: A Systematized Narrative Review. *Children and youth services review*, *116*, 105054.
<https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105054>
- Boyd, D., Ryan, J. & Leavitt, A. (2011) Pro-Self-Harm and the Visibility of Youth-Generated Problematic Content (osu.edu). *ISJLP*, *7*(1), 1– 32.
- Brausch, A. M., & Gutierrez, P. M. (2010). Differences in non-suicidal self-injury and suicide attempts in adolescents. *Journal of youth and adolescence*, *39*(3), 233–242.
<https://doi.org/10.1007/s10964-009-9482-0>

- Breen, A. V., Lewis, S. P., & Sutherland, O. (2013). Brief report: Non-suicidal self-injury in the context of self and identity development. *Journal of Adult Development, 20*(1), 57-62.
- Brown, R. C., Fischer, T., Goldwich, A. D., Keller, F., Young, R., & Plener, P. L. (2018). #cutting: Non-suicidal self-injury (NSSI) on Instagram. *Psychological medicine, 48*(2), 337–346. <https://doi.org/10.1017/S0033291717001751>
- Calvete, E., Orue, I., Aizpuru, L., & Brotherton, H. (2015). Prevalence and functions of non-suicidal self-injury in Spanish adolescents. *Psicothema, 27*(3), 223–228. <https://doi.org/10.7334/psicothema2014.262>
- Campaioli, G., Sale, E., Simonelli, A., & Pomini, V. (2017). The Dual Value of the Web: Risks and Benefits of the Use of the Internet in Disorders with A Self-Destructive Component in Adolescents and Young Adults. *Contemporary Family Therapy, 39*, 301-313. <https://doi.org/10.1007/s10591-017-9443-9>
- Colombo, G. B., Burnap, P., Hodorog, A., & Scourfield, J. (2016). Analysing the connectivity and communication of suicidal users on twitter. *Computer communications, 73*, 291-300.
- Corcoran, V. P., & Andover, M. S. (2020). Online disinhibition and internet communication of non-suicidal self-injury. *Suicide and Life-Threatening Behavior, 50*(6), 1091-1096.
- Cruz, D., Narciso, I., Muñoz, M., Pereira, C.R., Sampaio, D. (2013). Adolescents and self-destructive behaviours: an exploratory analysis of family and individual correlates. *Behav. Psychol./Psicol. Conduct. 21* (2), 271–288.
- Daine, K., Hawton, K., Singaravelu, V., Stewart, A., Simkin, S., & Montgomery, P. (2013). The power of the web: a systematic review of studies of the influence of the internet on self-harm and suicide in young people. *PloS one, 8*(10), e77555. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0077555>
- Duarte, E., Gouveia-Pereira, M., & Gomes, H. S. (2019). Development and Factorial Validation of the Inventory of Deliberate Self-Harm Behaviours for Portuguese Adolescents. *The Psychiatric quarterly, 90*(4), 761–776. <https://doi.org/10.1007/s11126-019-09660-1>

- Duarte, T. A., Paulino, S., Almeida, C., Gomes, H. S., Santos, N., & Gouveia-Pereira, M. (2020). Self-harm as a predisposition for suicide attempts: A study of adolescents' deliberate self-harm, suicidal ideation, and suicide attempts. *Psychiatry research*, 287, 112553. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.112553>
- Dyson, M. P., Hartling, L., Shulhan, J., Chisholm, A., Milne, A., Sundar, P., Scott, S. D., & Newton, A. S. (2016). A Systematic Review of Social Media Use to Discuss and View Deliberate Self-Harm Acts. *PloS one*, 11(5), e0155813. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0155813>
- Ferreira, J.A., & Castela, M.C. (1999). Questionário de ideação suicida (Q.I.S) [Questionnaire of suicidal ideation]. In: Simões, M.R., Gonçalves, M.M., Almeida, L.S. (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (pp. 129–130). Sistemas Humanos e Organizacionais, Lda.
- Frost, M., & Casey, L. (2016). Who seeks help online for self-injury?. *Archives of suicide research*, 20(1), 69-79.
- George, M. (2019). The importance of social media content for teens' risks for self-harm. *Journal of Adolescent Health*, 65(1), 9-10.
- Gouveia-Pereira, M., Duarte, E., Gomes, H. S., da Silva, C. T., & Santos, N. (2022). Exploring the suicidal continuum: Deliberate self-harm diversity and severity as predictors of suicidal ideation and suicide attempts. *Psychiatry research*, 309, 114400. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2022.114400>
- Grandclerc, S., De Labrouhe, D., Spodenkiewicz, M., Lachal, J., & Moro, M. R. (2016). Relations between Nonsuicidal Self-Injury and Suicidal Behavior in Adolescence: A Systematic Review. *PloS one*, 11(4), e0153760. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0153760>
- Hamza, C. A., Stewart, S. L., & Willoughby, T. (2012). Examining the link between nonsuicidal self-injury and suicidal behavior: a review of the literature and an integrated model. *Clinical psychology review*, 32(6), 482–495. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2012.05.003>

- Hawton, K., Saunders, K. E., & O'Connor, R. C. (2012). Self-harm and suicide in adolescents. *Lancet (London, England)*, *379*(9834), 2373–2382. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(12\)60322-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(12)60322-5)
- Heath, N. L., Baxter, A. L., Toste, J. R., & McLouth, R. (2010). Adolescents' willingness to access school-based support for nonsuicidal self-injury. *Canadian Journal of School Psychology*, *25*(3), 260–276.
- Jacob, N., Evans, R., & Scourfield, J. (2017). The influence of online images on self-harm: A qualitative study of young people aged 16–24. *Journal of adolescence*, *60*, 140–147.
- Lee, S.-E., Yim, M., & Hur, J.-W. (2022). Beneath the surface: clinical and psychosocial correlates of posting nonsuicidal self-injury content online among female young adults. *Computers in Human Behavior*, *132*, 107262. <https://doi.org/10.1016/J.CHB.2022.107262>
- Lewis, S. P., & Baker, T. G. (2011). The possible risks of self-injury web sites: a content analysis. *Archives of suicide research: official journal of the International Academy for Suicide Research*, *15*(4), 390–396. <https://doi.org/10.1080/13811118.2011.616154>
- Lewis, S. P., Heath, N. L., Michal, N. J., & Duggan, J. M. (2012a) Non-suicidal self-injury, youth, and the Internet: What mental health professionals need to know. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, *6*(1), 1–9. <https://doi.org/10.1186/1753-2000-6-13>
- Lewis, S. P., Heath, N. L., Sornberger, M. J., & Arbuthnott, A. E. (2012b). Helpful or harmful? An examination of viewers' responses to nonsuicidal self-injury videos on YouTube. *The Journal of adolescent health: official publication of the Society for Adolescent Medicine*, *51*(4), 380–385. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.01.013>
- Lewis, S. P., & Seko, Y. (2016). A Double-Edged Sword: A Review of Benefits and Risks of Online Nonsuicidal Self-Injury Activities. *Journal of clinical psychology*, *72*(3), 249–262. <https://doi.org/10.1002/jclp.22242>
- Logrieco, G., Marchili, M. R., Roversi, M., & Villani, A. (2021). The Paradox of Tik Tok Anti-Pro-Anorexia Videos: How Social Media Can Promote Non-Suicidal Self-Injury

- and Anorexia. *International journal of environmental research and public health*, 18(3), 1041. <https://doi.org/10.3390/ijerph18031041>
- Madge, N., Hewitt, A., Hawton, K., Wilde, E., Corcoran, P., Fekete, S., ... Ystgaard, M. (2008). Deliberate self-harm within an international community sample of young people: Comparative findings from the Child & Adolescent Self-harm in Europe (CASE) Study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(6), 667–677.
- Marchant, A., Hawton, K., Stewart, A., Montgomery, P., Singaravelu, V., Lloyd, K., Purdy, N., Daine, K., & John, A. (2017). A systematic review of the relationship between internet use, self-harm and suicidal behaviour in young people: The good, the bad and the unknown. *PloS one*, 12(8), e0181722. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0181722>
- Margherita, G., & Gargiulo, A. (2018). A comparison between pro-anorexia and non-suicidal self-injury blogs: From symptom-based identity to sharing of emotions. *Psychodynamic Practice: Individuals, Groups and Organisations*, 24(4), 346–363. <https://doi.org/10.1080/14753634.2018.1535326>
- Mavandadi, V., & Lewis, S. P. (2021). Pro-self-harm: Disentangling self-injury and eating disorder content on social media. *Suicidology*, 12, 1.
- Mitchell, K. J., & Ybarra, M. L. (2007). Online behavior of youth who engage in self-harm provides clues for preventive intervention. *Preventive medicine*, 45(5), 392–396. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2007.05.008>
- Mok, K., Jorm, A. F., & Pirkis, J. (2016). Who goes online for suicide-related reasons? A comparison of suicidal people who use the Internet for suicide-related reasons and those who do not. *Crisis: The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention*, 37(2), 112–120. <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000366>
- Muehlenkamp, J. J., Claes, L., Havertape, L., & Plener, P. L. (2012). International prevalence of adolescent non-suicidal self-injury and deliberate self-harm. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, 6, 10. <https://doi.org/10.1186/1753-2000-6-10>

- Murray, C. D., & Fox, J. (2006). Do Internet self-harm discussion groups alleviate or exacerbate self-harming behaviour? *AeJAMH (Australian e-Journal for the Advancement of Mental Health)*, 5(3), 1–9. <https://doi.org/10.5172/jamh.5.3.225>
- Nesi, J., Burke, T. A., Bettis, A. H., Kudinova, A. Y., Thompson, E. C., MacPherson, H. A., Fox, K. A., Lawrence, H. R., Thomas, S. A., Wolff, J. C., Altemus, M. K., Soriano, S., & Liu, R. T. (2021a). Social media use and self-injurious thoughts and behaviors: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 87, 102038. <https://doi.org/10.1016/J.CPR.2021.102038>
- Nesi, J., Burke, T. A., Lawrence, H. R., MacPherson, H. A., Spirito, A., & Wolff, J. C. (2021b). Online self-injury activities among psychiatrically hospitalized adolescents: prevalence, functions, and perceived consequences. *Research on child and adolescent psychopathology*, 49(4), 519-531.
- O'Connor, R. C., Rasmussen, S., & Hawton, K. (2014). Adolescent self-harm: a school-based study in Northern Ireland. *Journal of affective disorders*, 159, 46–52. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2014.02.015>
- Owens, C., Sharkey, S., Smithson, J., Hewis, E., Emmens, T., Ford, T., & Jones, R. (2015). Building an online community to promote communication and collaborative learning between health professionals and young people who self-harm: an exploratory study. *Health expectations*, 18(1), 81–94. <https://doi.org/10.1111/hex.12011>
- Palmonari, A., Kirchler, E., & Pombeni, M. L. (1991). Differential effects of identification with family and peers on coping with developmental tasks in adolescence. *European Journal of Social Psychology*, 21(5), 381-402.
- Pombeni, M. L., Kirchler, E., & Palmonari, A. (1990). Identification with peers as a strategy to muddle through the troubles of the adolescent years. *Journal of Adolescence*, 13(4), 351-369.
- Reddy, N., Rokito, L., & Whitlock, J. (2016). What is the link? The relationship between non-suicidal self-injury and social media. *Information Brief Series, Cornell Research Program on Self-injury and Recovery*. Cornell University.

- Seko, Y. (2013). Picturesque Wounds: A Multimodal Analysis of Self-Injury Photographs on Flickr. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 14(2). <https://doi.org/10.17169/fqs-14.2.1935>
- Seko, Y., Kidd, S. A., Wiljer, D., & McKenzie, K. J. (2015). On the Creative Edge: Exploring Motivations for Creating Non-Suicidal Self-Injury Content Online. *Qualitative health research*, 25(10), 1334–1346. <https://doi.org/10.1177/1049732315570134>
- Seong, E., Noh, G., Lee, K. H., Lee, J. S., Kim, S., Seo, D. G., Yoo, J. H., Hwang, H., Choi, C. H., Han, D. H., Hong, S. B., & Kim, J. W. (2021). Relationship of Social and Behavioral Characteristics to Suicidality in Community Adolescents With Self-Harm: Considering Contagion and Connection on Social Media. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.691438>
- Simone, A. C., & Hamza, C. A. (2020). Examining the disclosure of nonsuicidal self-injury to informal and formal sources: A review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 82, 101907. <https://doi.org/10.1016/J.CPR.2020.101907>
- Sternudd, H. T. (2012). Photographs of self-injury: Production and reception in a group of self-injurers. *Journal of Youth Studies*, 15(4), 421-436.
- Swannell, S., Martin, G., Krysinska, K., Kay, T., Olsson, K., & Win, A. (2010). Cutting on-line: Self-injury and the Internet. *Advances in Mental Health*, 9(2), 177–189.
- Swedo, E. A., Beauregard, J. L., de Fijter, S., Werhan, L., Norris, K., Montgomery, M. P., Rose, E. B., David-Ferdon, C., Massetti, G. M., Hillis, S. D., & Sumner, S. A. (2021). Associations Between Social Media and Suicidal Behaviors During a Youth Suicide Cluster in Ohio. *The Journal of adolescent health : official publication of the Society for Adolescent Medicine*, 68(2), 308–316. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.05.049>
- Tullius, J., & Beukema, L. (2021). The importance of mental health literacy in times of crisis: Adolescent mental health during the COVID-19 pandemic. *European Journal of Public Health*, 31(Supplement_3), ckab164-237.
- Wang, L. J., Huang, Y. C., Lee, S. Y., Wu, Y. W., & Chen, C. K. (2015). Switching suicide methods as a predictor of completed suicide in individuals with repeated self-harm: A

community cohort study in northern Taiwan. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 49(1), 65-73.

Witt, K. G., Hetrick, S. E., Rajaram, G., Hazell, P., Taylor Salisbury, T. L., Townsend, E., & Hawton, K. (2021). Interventions for self-harm in children and adolescents. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 2021(3).
<https://doi.org/10.1002/14651858.CD013667.pub2>

Whitlock, J., Lader, W., & Conterio, K. (2007). The internet and self-injury: what psychotherapists should know. *Journal of clinical psychology*, 63(11), 1135–1143.
<https://doi.org/10.1002/jclp.20420>

Whitlock, J. L., Powers, J. L., & Eckenrode, J. (2006). The virtual cutting edge: the internet and adolescent self-injury. *Developmental psychology*, 42(3), 407–417.
<https://doi.org/10.1037/0012-1649.42.3.407>

Whitlock, J., Purington, A., & Gershkovich, M. (2009). Media, the Internet, and nonsuicidal self-injury. In M. K. Nock (Ed.), *Understanding nonsuicidal self-injury: Origins, assessment, and treatment* (pp. 139–155). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/11875-008>

Anexos

Anexo A – Pedido de autorização às escolas



PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

À Direção do _____

Excelentíssimos Senhores,

No âmbito da realização de um Mestrado em Psicologia Clínica, sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, do ISPA – Instituto Universitário, as alunas Beatriz Fuschini e Marta Chambel estão a desenvolver um estudo sobre os comportamentos de risco na adolescência.

Com o intuito de recolher dados para a referida investigação e obter a autorização para realizar a mesma nos vossos estabelecimentos, vimos por este meio solicitar a vossa colaboração.

A recolha de dados será feita através de um questionário, de preenchimento voluntário, tendo a duração aproximada de 30 minutos. O questionário é anónimo e confidencial.

Assegura-se o anonimato e a confidencialidade dos dados, destinados apenas para fins de investigação. Destaca-se que a participação do aluno é voluntária e existe o direito de recusar ou interromper a participação a qualquer momento por opção própria sem quaisquer consequências.

Antecipadamente gratas pela atenção dispensada,

Beatriz Fuschini e Marta Chambel

Março de 2022

(Assinatura – Autorização da Escola)

Anexo B – Consentimento informado



CONSENTIMENTO INFORMADO

Exmo(a). Senhor(a) Encarregado(a) de Educação,

No âmbito de uma investigação integrada no Doutoramento em Psicologia Clínica, sob supervisão da Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, professora auxiliar no Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida e membro da Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion, a aluna responsável pelo projeto, Vanessa Florindo Salvador, doutoranda pelo Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida e membro da Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion em conjunto com as alunas de Mestrado Beatriz Fuschini e Marta Chambel solicitam a colaboração do seu/sua educando.

O trabalho referido anteriormente tem como tema central os comportamentos de risco dos adolescentes portugueses e é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A recolha de dados será feita através de um questionário, com duração aproximada de 20 minutos. O questionário é anónimo e confidencial e os dados recolhidos serão utilizados apenas para fins de investigação.

Importa referir que a participação neste estudo é voluntária, podendo o seu/sua educando(a) manifestar em qualquer momento o seu interesse em não completar o questionário, sem qualquer risco associado. No entanto, a participação neste estudo é indispensável à sua realização, pelo que, agradecemos a sua disponibilidade.

Para autorizar que o seu/sua educando(a) participe nesta investigação, solicitamos que preencha adequadamente este consentimento e o assine.

Declaro que li e compreendi a informação disponibilizada. Pelo que,

Autorizo Não autorizo

a participação do(a) _____ (nome)
neste estudo.

_____ (Assinatura do EE)

_____ (Data)

Para informações adicionais, contactar:
Marta Chambel: 25641@alunos.ispa.pt/ Beatriz Fuschini: 28290@alunos.ispa.pt